

## Risos e provocações no programa *Sai de Baixo* da TV Globo<sup>1</sup>

Paulo José de SOUSA<sup>2</sup>

Clarice GRECO<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo propõe a discussão sobre o riso da plateia e do telespectador fruto das anedotas utilizadas na reprise do programa *Sai de Baixo* da TV Globo. Apesar da aceitação do público, os elementos das piadas carregam conteúdos questionados hoje em dia pelo tom discriminatório. Em busca do cômico, os atores em suas piadas se apropriam de discursos preconceituosos que operam constantemente com estereótipos relacionados a grupos de pessoas e minorias desprivilegiadas. Esses conteúdos ao serem reprisados propõe uma reconfiguração da recepção de suas piadas.

**Palavras-chave:** Risos, Piadas; Comicidade; Preconceito; Estereótipos.

### Abstract

This article proposes the discussion about the laughter of the audience and the viewer as a result of the anecdotes used in the replay of TV Globo's *Sai de Baixo* program. Despite the public's acceptance, the elements of the jokes carry content considered unfit for the present. In search of the comic, the actors in their jokes appropriate prejudiced discourses that constantly operate with stereotypes related to groups of people and underprivileged minorities. These contents, when repeated, propose a reconfiguration of the reception of their jokes.

**Keywords:** Laughter, Jokes; Comedy; Preconception; Stereotypes.

### Introdução

Os últimos anos foram palco de várias discussões sobre o perigo de ofensas públicas na internet, de aumento da visibilidade e da organização de grupos sociais que questionam as múltiplas formas de preconceito enraizadas na sociedade. Neste cenário, surge a discussão sobre o vocabulário 'politicamente correto', que visa reduzir (ou mesmo abolir) a possibilidade de ofensas a grupos minoritários. Grande parte dessas ofensas estão relacionadas ao humor.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriadas, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Email: [pajsou@gmail.com](mailto:pajsou@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Pós-doutoranda, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais e do grupo Obitel-Brasil-USP. Email: [claricegreco@gmail.com](mailto:claricegreco@gmail.com)

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as múltiplas formas do riso no contexto do humor do programa *Sai de Baixo* da TV Globo, apresentando circunstâncias pelas quais o riso é decorrente da comicidade situacional. O artigo também se conecta à proposta do riso como ingrediente oportuno que conduz o telespectador a solidarizar-se na risada coletiva. Buscamos pontuar questões que possam ser observadas e discutidas levando em conta que, para se obter o riso da plateia e do telespectador, o programa humorístico explora piadas que não seriam, hoje, consideradas *politicamente corretas*, por apresentarem conteúdo vinculado a estereótipos e preconceitos. Sendo assim, expomos uma sequência definida por proposições que apresentam interligações do riso.

Assim, o presente artigo questiona também se o tipo de humor do programa *Sai de Baixo*, originalmente exibido nos anos 1990, possui o mesmo efeito atualmente, por levantarem em suas piadas questões de discriminações relacionadas a minorias ou grupos desprivilegiados sendo assim o humor não é considerado ‘politicamente correto’. Em busca do cômico o programa desdobra-se em suas piadas tendo como objetivo principal o riso da plateia e do telespectador.

### **O programa *Sai de Baixo***

O programa humorístico *Sai de Baixo*, sucesso na década de 1990, voltou recentemente à programação da TV Globo e da TV paga. Com a expectativa preencher horário e assegurar audiências nas tardes de sábado, o programa voltou a ser reprisado na sessão comédia às 14hs. Além da transmissão da TV aberta, o conteúdo também é disponibilizado no canal Viva para os assinantes e na Internet através da Globoplay.

Apresentado inicialmente entre os anos de 1996 até 2002, o programa em formato de teleteatro foi exibido originalmente em 245 episódios em oito temporadas, nas noites de domingo. Mais à frente, em 2013, foram gravados quatro novos episódios. Em todas as edições as gravações eram ao vivo, no palco do teatro a comédia era recheada de improvisos que lhe rendiam muitas palmas da plateia.

O programa foi criado por Luis Gustavo e Daniel Filho e teve os episódios dirigidos por Dennis Carvalho e roteirizados por Artur Xexéo e Falabella. O formato de sitcom, onde a família é o instrumento que constrói uma sátira dos personagens e

também da sociedade, a todo momento arrancava gargalhadas da plateia que lotava o teatro Procópio Ferreira, onde era gravado.

A estrutura narrativa girava em torno do casal, Caco Antibes (Miguel Falabella) e Magda (Marisa Orth), antes abastado que tem seus bens confiscados. O casal, junto com Cassandra (Aracy Balabanian), mãe de Magda, se mudam então para a casa de Vavá (Luiz Gustavo), irmão de Cassandra. No programa, a família divide o mesmo teto, um apartamento no Largo do Arouche em São Paulo e vive em um ambiente com personagens que se identificam com a maior parte do público, como porteiro nordestino Ribamar (Tom Cavalcante) ou a empregada Edileuza (Claudia Jimenez).

As histórias de humor encenadas no âmbito familiar atingem um potencial cômico que alcança espaço e aceitação na sociedade. Nos dias atuais ainda são capazes de se propagar nas redes sociais, sob a fachada da “ingenuidade dos anos 1990”.

Na comédia a representação da família tradicional “quase perfeita”, com fortes vínculos entre seus integrantes é eclética, contempla alguns agregados como: o porteiro e a empregada doméstica. O elenco sabia se o expectador estava se divertindo, o conhecimento era pelo efeito de suas respostas, ora através das gargalhadas e também por meio dos aplausos. As representações eufóricas misturavam gêneros, nem sempre seguiam roteiros, a dramaturgia baseada na representação ia do cômico ao épico, sempre provocando risos.

O programa foi originalmente produzido para a TV, porém por ser gravado em um teatro o *Sai de Baixo* contava com auditório participativo, não havia distanciamento entre os personagens e a plateia, assim o público também era envolvido nas piadas. A comédia de *Sai de Baixo* explorava fraquezas humanas, como, por exemplo: a mesquinhez, a ostentação, a estupidez, a grosseria, a divergência.

Dentro deste contexto, algumas manifestações humorísticas passam a ser questionadas, problematizadas, ou até proibidas. Conteúdos da comédia dos anos 1980 e 1990 passam a ter o valor humorístico alterado à medida que tais problematizações se consolidam na sociedade. Entre esses conteúdos encontram-se programas televisivos, que ao serem reprisados demonstram uma reconfiguração da recepção de suas piadas.

Neste artigo, não temos a intenção de resolver os problemas dessa reconfiguração, apenas de trazer apontamentos iniciais que possam conduzir discussões sobre o humor em *Sai de Baixo* e a condição de sua reprise.

## O Riso

Rimos de pessoas, animais e cenas engraçadas, rimos das diferenças e das semelhanças. A comicidade é uma característica humana e uma questão de referência (rir de quem, rir para quem, por que rir). Bergson (1983) afirma que o que não é humano não é cômico, pois o ser humano não costuma rir de coisas inanimadas ou paisagens, apenas quando remetem às características humanas (por exemplo, ri de bichos quando parecem gente, pois possuem atitudes humanas).

O riso é o objetivo principal de quem faz humor, “A comédia tem por função, em primeiro lugar, permitir ao público esquecer por um tempo suas inquietudes e espantar seus temores, apresentando-lhe um universo em que a ordem sempre acaba por restabelecida” (MINOIS, 2003, p.34). Seja o riso na comédia, na plateia e na sociedade, do riso artificial aos risos provocados ou espontâneos, ocorre um processo em que o espectador reprograma a mente e se adapta à situação, reproduzindo o riso diante da telinha ou da telona. Nesse processo, muitas situações se tornam risíveis.

Existe ainda, o riso causado pelo *gesto mecânico*. As formas, os gestos e os movimentos podem ser engraçados na sua representação e repetição. Segundo Bergson (1983, p.18) “Atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos leva a pensar num simples mecanismo”. Esse efeito é obtido por repetições, como bordões – frases repetidas para criar efeito cômico. No caso de *Sai de Baixo*, a mais famosa seria a frase “Cala a boca, Magda”, constantemente proferida por Caco Antibes (Miguel Falabella).

Outro mecanismo de impulso ao riso é o improvisado. Na comédia *Sai de Baixo*, o improvisado aparece, muitas vezes, durante o silêncio entre uma fala e outra, como a preencher os vazios do suposto esquecimento de alguma fala. Nesses momentos, há uma quebra de expectativa da “perfeição” da produção e da atuação, quando os atores deixam de ser os personagens e passar a representar a si mesmos. Quando os próprios

atores dão risadas, o telespectador sente-se mais próximo a eles, o que provoca o riso amistoso e inesperado. Mesmo diante dos imprevistos inusitados, o diretor por vezes intervém e assegura o andamento do espetáculo. Essa atitude também pode ser vista como cômica.

Outro exemplo é o riso “Maria vai com as outras”, que se faz presente muito além da poltrona, seja no cinema, no teatro ou até diante da TV. Nesse caso, o riso é conduzido por orientações ou por risada gravada, que indica ao telespectador o momento de rir. A risada eletrônica foi muito utilizada em séries dos anos 1990, tendo desaparecido aos poucos em produções mais recentes. De acordo com Boal (2008) o estímulo programado visa a provocar o riso da plateia:

A empatia criada com o artista, transformada em mimetismo, suspende nosso senso crítico. Imobilizados, corpo e mente, ficamos à mercê de ralos pensamentos e reles linguagem. Roupas e moda, maneira de andar e gestos, temas da trivial conversação, fast-foods e refrigerantes que promovem diabetes e obesidade, tudo isso são ordens que os espectadores, por mimetismo inconsciente, cumprem. Até nas comédias o nosso riso é programado e obrigatório: bobas risadas, gravadas em background, informam que tal cena é engraçada e nos dizem quando devemos rir, mesmo sem achar graça. (BOAL, 2008 P. 151)

Apesar da crítica rígida de Boal (2008), que vê o estímulo ao riso como sinal de um consumidor passivo e inconsciente, podemos pensar, por outro lado, a comédia como uma forma de entretenimento *buscada* pelo telespectador para uma fuga cotidiana. Assim, o riso não seria algo imposto a ele, mas algo intencionalmente buscado para um descanso mental após vivência de mazelas do dia a dia. Nosso ponto não é, portanto, a crítica ao riso, mas sim ao tipo de comédia utilizada em certos momentos como artifício para a comédia.

Os gregos já discutiam uma forma de abrandar o riso e torná-lo mais sociável como elemento da piada. De acordo com Minois (2003) a humanização do riso pelos filósofos gregos passa por duas vertentes, o riso gelan e o katagelan, que abrangem desde a ironia Socrática à zombaria de Luciano.

Desde a época arcaica, há dois tipos de riso que o vocabulário distingue: Gelan, o riso simples e subentendido, e Katagelan,

“rir de”, o riso agressivo e zombeteiro, que Eurípedes condena em um fragmento da Melanipeia: “Muitos homens, para fazer rir, recorrem ao prazer da zombaria. Pessoalmente, detesto esses ridículos cuja boca, por não ter sábios pensamentos para expressar, não conhece freio”. Esse julgamento já anuncia uma nova sensibilidade, que considera inconveniente, maldoso e grosseiro o riso brutal da época arcaica. (MINOIS, 2003, p.33)

O programa *Sai de Baixo* provê os dois tipos de riso. Nas ocasiões em que a comédia se baseia no improviso, no gesto mecânico ou por situações cotidianas cômicas, o programa *Sai e Baixo* traz o riso gelado, leve e provocado por identificação. Em outras ocasiões, ao zombar da sugerida pouca inteligência da mulher (Magda, esposa de Caco Antibes), do porteiro nordestino Ribamar ou da empregada gordinha Edileuza, faz uso de estereótipos e de preconceitos, aspirando ao riso Katagelan.

### **Estereótipo e preconceito**

O Humor é uma produção cultural que pode influenciar na construção das identidades. Mesmo atuando com atores e representações, a comédia é capaz de sugerir formas de como a sociedade poderá categorizar pessoas imputando um aspecto caricatural. Lippmann (2008) atribui um significado aos estereótipos como cenas cognitivas que se alternam sistematicamente, entre o indivíduo e a realidade. O termo estereótipo, apesar de se referir a características construídas socialmente, pode ter um conceito negativo na forma de pensar e julgar sobre as circunstâncias, levando ao preconceito. Cabecinhas (2002) defende que os estereótipos podem ter consequências nefastas a nível das relações intergrupais.

Segundo Lippmann (2008), sempre vemos apenas um aspecto ou uma fase de qualquer acontecimento público de grandes dimensões. Com isso, os testemunhos são sempre dotados de uma dose de criatividade e ponto de vista individual e incompleto. Ao construirmos resumos e visões sucintas das diversas dimensões sociais, criamos uma relação com as coisas em que aquilo que enxergamos é baseado em concepções prévias. Amossy e Herschberg (2001) afirmam que os estereótipos identificam o indivíduo com um grupo. No entanto, essas pré-concepções levam, muitas vezes, a uma visão negativa e subestimada de questões sociais e culturais complexas, como regiões, pessoas e comunidades, levando ao preconceito.

Segundo Heller (2008), não é a vida cotidiana que produz o preconceito em sua dimensão social, pelo contrário, seria uma particularidade do homem estar vinculado a sistemas de preconceitos. Isso se daria pelo fato de que, na própria sociedade, predominem sistemas de *preconceitos sociais estereotipados e estereótipos de comportamentos carregados de preconceitos*. Assim, os sistemas de preconceito seriam provocados pelas integrações sociais nas quais vivem os homens, sobretudo pelas distinções de classe.

Configura-se, assim, o preconceito como um conjunto de crenças baseadas em ações e em condutas, normalmente carregado de linhas ofensivas direcionados as minorias. De acordo com Moraes (2013) o preconceito se apresenta de diversas formas (de gênero, identidade sexual, condição social e raça). Esses preconceitos com base em estereótipos aparecem e são consolidados, muitas vezes, com o auxílio dos meios de comunicação. Segundo Martino e Marques:

Muitos estudos sobre gênero, sexualidade e raça/etnia têm-se dedicado a analisar a forma como os meios de comunicação homogeneízam, ridicularizam e marginalizam pessoas e grupos minoritários. Uma das noções que elucidam essas abordagens é a de estereótipo. (MARTINO, MARQUES, 2015, p.81)

Esses elementos tornam-se alvo de comédias como paródias, que visam exacerbar os estereótipos consagrados sobre as minorias e levar ao riso katagelan, zombeteiro, em grande parte das redes apoiado em ofensas e diminuição dos méritos desses grupos.

Na década de 1990, as piadas que alimentavam os preconceitos do público eram propagadas entre as pessoas, configurando anedotas campeãs de audiência. Wolf (1999) fala da percepção seletiva: “A interpretação transforma e adapta o significado da mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário até mudar, por vezes, radicalmente, o sentido da própria mensagem” (WOLF,1999, p.15). Embora o espectador e o telespectador tenham ideias pré-concebidas sobre a realidade, o ator vive uma “verdade cênica” e tem o objetivo de persuadir. Kusnet (1985) diz que a “força de convicção do teatro é tão grande que ele é capaz de convencer”.

As referências ao teatro se aplicam ao programa *Sai de Baixo*, cuja estética era teatral, constando de palco e plateia, com gravação ao vivo para a TV. Munido de um



humor satírico e zombeteiro, o programa fazia uso de diversos tipos de riso, incluindo o reforço a estereótipos e preconceitos.

### **Componentes da comicidade implícitas nas piadas de Sai de Baixo**

Analisando o conteúdo das piadas contidas no programa humorístico *Sai de Baixo*, uma comédia da década de 1990, encontramos diversos níveis de preconceitos. Desta forma, este artigo visa promover a discussão sobre a reprise de programa de humor com piadas consideradas inadequadas para atualidade, onde esses ingredientes podem imprimir estereótipos nas pessoas ou grupos sociais, questões hoje amplamente contestadas, especialmente por movimentos que ganham força e visibilidade nas redes sociais.

Observando as piadas do programa *Sai de Baixo* pela perspectiva do preconceito, percebemos alguns traços carregados de exageros. Em algumas das encenações ocorrem piadas que possuem conteúdos misóginos, racistas ou xenofóbicos. Também são exploradas as questões de padrão de beleza como peso e altura, e relativas a classes sociais, como piadas sobre hábitos em que a riqueza sobrepõe a pobreza.

Essa estrutura era apresentada por meio de um protagonista preconceituoso. Os bordões “famosos” declamados por Caco Antibes (Miguel Falabella): "Eu tenho horror a pobre", “Cala a boca, Magda!” reverberavam entre a plateia. Com trejeitos de aristocrata, Caco Antibes é definido por ele mesmo como: louro, alto, dinamarquês. De acordo com Pondé (2012) o significado de aristocrata pode ser entendido como: alguém que pertence ao grupo dos melhores de uma cidade ou grupo social, pelo nascimento ou herança familiar. Marisa Orth no papel de Magda, que interpreta a esposa de Caco, virou sinônimo de “mulher burra” ao ser chamada de “mula”, “anta”, em demonstração do preconceito contra a condição da mulher, além de elevá-la ao símbolo de “objeto sexual”, por suas saias curtas e pernas torneadas, levando a plateia a declamar em coro “Magda gostosa”. Além disso no menu de anedotas também figuram piadas de nordestino, porteiro de prédio e empregada doméstica.

Seria possível argumentar que essa caracterização propõe uma crítica ao protagonista, um estereótipo também encontrado na sociedade – o homem cis, hetero, branco e rico, cuja visão patriarcal e elitista nada mais é do que um espelho da



realidade.

Assim, as piadas do programa não seriam direcionadas ou intencionadas ao preconceito em si, mas uma crítica a ele. Algo semelhante é feito pelo humorista Paulo Gustavo, com sua personagem “Senhora dos Absurdos”, que dispara afirmações altamente preconceituosas (por vezes desconcertantes) como uma forma de crítica social aos conservadores<sup>2</sup>.

Por outro lado, em *Sai de Baixo*, as piadas preconceituosas mostram-se “verídicas”, uma vez que a configuração das personagens reforça o estereótipo criticado: Magda, a esposa, não demonstra sinais de inteligência, competência ou empoderamento. Pelo contrário, expõe as pernas e diz coisas absurdas, reforçando um papel estereotipado com pouca crítica contra ele.

A atriz Claudia Jimenez, que interpretava a doméstica Edileuza, chegou a declarar ao jornal O Globo<sup>2</sup> que se sentia incomodada pelas piadas sobre sua forma física, se recusando a participar da gravação de um filme de *Sai de Baixo*. A atriz diz, ainda, que “Eu era ingênua na época. Agora, achei que tinha virado a página, mas, não, não superei”. A afirmação reforça a transformação que o humor sofre ao longo dos anos, não apenas pelo amadurecimento dos atores e telespectadores, mas pela mudança de contexto. O teor das piadas de *Sai de Baixo*, hoje, poderiam ser questionados. Percebe-se, então, que a hipótese de Caco Antibes ser um estereótipo a ser criticado não ganha força, uma vez que os preconceitos são visíveis também na construção dos personagens aos quais as ofensas se direcionam.

Algumas caracterizações de personagens podem direcionar a um sentido desfavorável, porém a comédia utiliza o excesso com o objetivo de provocar o riso. Sob a fachada da comédia, a construção das piadas era simples, facilitando a compreensão sem despertar necessariamente a crítica social do telespectador, mas reforçando estereótipos existentes.

---

<sup>2</sup> Vídeo do quadro “Senhora dos Absurdos”, de Paulo Gustavo disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=-8dvgsBGaaM> > Acesso em: 09 de Julho de 2018.

<sup>3</sup> Fonte: O Globo. Patrícia Kogut. *Cláudia Jimenez desiste de participar do filme do ‘Sai de Baixo’*. 09.05.2018. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2018/05/claudia-jimenez-desiste-de-participar-do-filme-do-sai-de-baixo-achei-que-tinha-virado-pagina-mas-nao-superei.html>. Acesso em 07.07.2018.

**Figura 1 – Aspectos da comicidade em *Sai de Baixo***



Diagrama elaborado pelo autor do artigo

O diagrama busca ilustrar os tipos de humor que uma piada pode conter, todos dentro do âmbito da tentativa de comicidade. Na busca por risadas, as estratégias para o riso passam pelo escárnio, pelo grotesco e pelo ridículo, articulando estereótipos e preconceitos para a finalidade da comédia. Essa busca se baseia, conseqüentemente, na tradicional corrida pela audiência na televisão comercial.

A audiência do *Sai de Baixo*, ainda hoje, é estável. O resultado médio entre 2017 e 2018 nas cidades brasileiras que transmitem esta programação revela que a comédia é líder de audiência no horário da sessão comédia, sendo assim indica que há aceitação do público. A média alcançada em 2017 foi de 11,5 pontos, com 13,1 pontos de pico, já em 2018 a média está em 11,8 pontos com 13 pontos de pico.

**Gráfico 1 - Comparativo da audiência – sábado 28 de Abril de 2018**

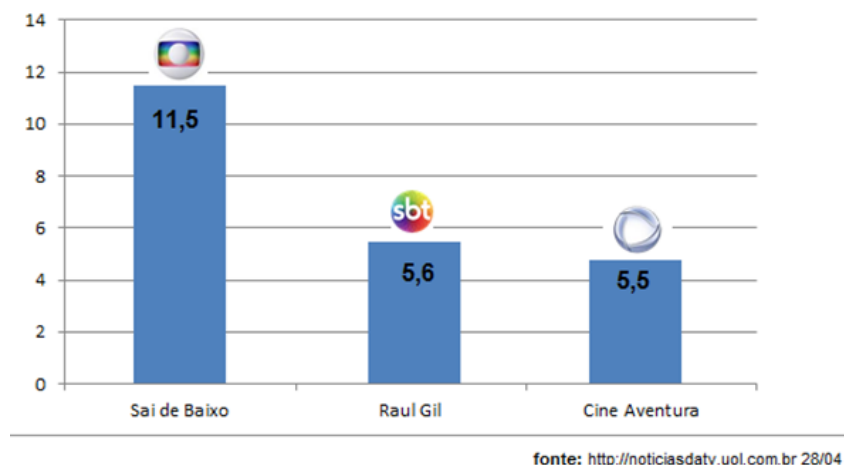


Gráfico elaborado pelo autor do artigo

A audiência do programa, hoje, talvez não seja a mesma do auge do sucesso nos anos 1990. Não encontramos dados da média de audiência do programa durante sua exibição original, mas ele alcançou picos de 26 a 31 pontos aos domingos no primeiro ano de sua exibição.<sup>3</sup> Atualmente, o programa mantém média de 11 pontos de audiência, com picos de 12. Comumente, reprises tem médias mais baixas do que as exibições originais. Portanto, não se pode afirmar que o sucesso reduzido seja por razões do tipo de humor. Porém, podemos ressaltar a necessidade de mudanças nos tipos de humorísticos atuais e na urgência de comédias que se proponham a trazer para a TV aberta um humor não ofensivo, criativo e original.

As piadas são, entretanto, ainda hoje lembradas e difundidas nas redes sociais. A internet potencializou a difusão e a obtenção do resultado do trabalho de forma mais ágil. Assistir a programas e comentar nas redes se tornou uma atividade corriqueira entre os telespectadores, especialmente os mais jovens. A segunda tele passa a ser palco de manifestações sobre aquilo que assistem e apoiam – ou criticam. Essas atividades se encontram na perspectiva da recepção transmídia (Lopes et. al, 2011) e das estratégias de produção transmidiáticas para que as ficções também alcancem as redes, para além da tela de TV (Fechine, 2014).

<sup>3</sup> Fonte: Folha de São Paulo. *Globo supera SBT com 'Sai de Baixo'*. 21/04/1996. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tv\\_folha/9.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tv_folha/9.html) Acesso em 07/07/2018.

**Figura 1 – Postagens de fãs**



Fonte: RD1.<sup>4</sup>

As comunidades acompanham as diversas fanpages, inclusive a fanpage da TV Globo, porém na página oficial os posts são limitados, não há periodicidade nas postagens. Isso demonstra que a maioria das manifestações nas redes ocorrem por parte dos fãs, e não por iniciativa da Globo.



Imagem extraída do Facebook da TV Globo

<sup>4</sup> Reprise de “Sai de Baixo” na Globo bomba nas redes sociais; veja reações dos internautas. 06/05/2017. Disponível em: <https://rd1.com.br/reprise-de-sai-de-baixo-na-globo-bomba-nas-redes-sociais-veja-reacoes-dos-internautas/>. Acesso em 07.07.2018.

Na internet os fãs interagem de diversas formas, no YouTube é possível encontrar mais de cinco mil resultados postados neste último ano. Entre os vídeos, estão cenas que não foram para o ar, ex.: os erros de gravação, reedições de vídeos específicos de piadas de Caco Antibes (Miguel Falabella) e Magda (Marisa Orth). Os fãs fazem dedicações ao programa por meio de blogs, páginas do Facebook, no Twitter as notícias relacionadas a reprise da comédia são propagadas.

### Produção de fãs de *Sai de Baixo*, Gifs e Memes satirizando os principais personagens



Imagens extraídas do site: GIPHY

Esses são breves exemplos da presença de conteúdo online produzido por fãs do programa. Muitos fãs de *Sai de Baixo* mostram identificação com os personagens, assim há um fortalecimento das relações e a audiência aumenta em função dos compartilhamentos de conteúdos. Afinal, as piadas baseadas em estereótipos e preconceitos são parte estrutural do senso comum popular e, sabemos, uma mudança neste cenário é lenta e gradual.

## Considerações finais

O artigo buscou refletir sobre as várias vertentes do riso no contexto do humor do programa *Sai de Baixo* da TV Globo, cujo foco principal consiste num humor zombeteiro, apoiado em estereótipos e preconceitos – mesmo que estes reflitam a sociedade e o senso comum. Buscamos, ao longo do texto, apresentar e questionar se o tipo de humor do programa *Sai de Baixo*, originalmente exibido nos anos 1990, teria a mesma receptividade atualmente, por levantarem em suas piadas questões de discriminações relacionadas a minorias ou grupos desprivilegiados. Este debate se torna relevante em tempos de discussão sobre o que é ‘politicamente correto’ e no contexto de empoderamento e organização de diversos movimentos sociais.

Em breve análise do conteúdo das piadas contidas no programa humorístico *Sai de Baixo*, encontramos diversos níveis de preconceitos: de classe, de gênero, de forma física e regional. A partir disso, buscamos problematizar e promover a discussão sobre a reprise de programas de humor que possam ter adquirido um distanciamento da realidade atual, por refletir estereótipos de pessoas ou grupos sociais que, hoje, contestam o preconceito sofrido por anos.

Sabemos que as piadas baseadas em estereótipos e preconceitos são parte estrutural do senso comum popular, mas reforçamos a necessidade urgente de mudança, ainda que lenta, da condição do humor na televisão brasileira atual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY Ruth; HERSCHBERG, Pierrot Anne. **Estereotipos Y Cliches** 1º edição. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- BERGSON, Henri. **O Riso Ensaio Sobre a significação do Cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.
- BOAL, Augusto. Boal, **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CABECINHAS, Rosa. **Media, Etnocentrismo e Estereótipos Sociais** . Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Anais do Congresso de Ciências da Comunicação, 1, Lisboa, 1999.
- FECHINE, Yvana. **Transmídiação e Cultura Participativa**. Disponível em:<



<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/694/430/>> Acesso em: 20 de Junho de 2018.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KUSNET, Eugênio. **Ator e Método**. 2. ed. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Artes Cénicas. 1985.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2008.

LOPES et. al. Ficção televisiva transmidiática: temáticas sociais em redes sociais e comunidades virtuais de fãs. Em: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Angela, MARQUES, Cristina Salgueiro. **Teoria da Comunicação: Processos, Desafios e Limites**. São Paulo, SP: Plêiade, 2015.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORAES, Fabiana. **No País do Racismo Institucional**. Recife, Pe: Publicações Ministério Público de Pernambuco, 2013

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**, São Paulo: Leya, 2012.

FRANÇA, Vera V. **Televisão e Realidade**. Salvador, BA: Editora EDUFBA, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**, 8º edição. Lisboa PT. Editorial Presença, 1999.